



ISSN 1981 - 3031

CONTEXTOS DE LETRAMENTO: DESCRIÇÃO DE PRÁTICAS DISCURSIVAS ORAIS ENVOLVENDO MATERIAIS IMPRESSOS E NARRATIVAS FICCIONAIS

Kariny Amorim (UFAL)
k_louizy@hotmail.com

Eduardo Calil (UFAL)
eduardocalil@hotmail.com

RESUMO

Este estudo propõe-se a descrever práticas discursivas orais envolvendo situações interacionais entre uma criança brasileira e seus diferentes interlocutores em contexto familiar letrado. Inspirados por estudos sobre letramento emergente que indicam a importância dos processos interacionais na constituição do discurso narrativo e do letramento da criança, concentramo-nos nas práticas discursivas orais em que há a presença de materiais impressos que narram histórias ficcionais. O *corpus* a ser considerado insere-se em um estudo mais amplo envolvendo o “percurso narrativo” dessa criança (E, dos seus 0 aos 7 anos), de classe média e filho de pais universitários, constituindo-se em um material de coleta de caráter longitudinal e naturalístico, com filmagens cotidianas registradas pelos próprios pais. Selecionamos os registros do período de dezembro 2007 a setembro 2008. Nossa análise mostra a predominância, naquelas práticas interacionais, de livros de histórias infantis, lidos para a criança na maioria das vezes pela mãe. O estabelecimento dessas práticas é capital para a “captura” (LEMOS, 2002) da criança por esse universo simbólico e para sua entrada no funcionamento da língua.

Palavras-chave: **Aquisição de linguagem; Práticas discursivas; Letramento emergente.**

1. Introdução

*O homem é um vivente com palavra.
E isto não significa que o homem tenha a palavra*

*ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade,
ou uma ferramenta, mas que o homem é enquanto palavra,
que todo o humano tem a ver com a palavra,
se dá em palavra, está tecido de palavras,
que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem,
se dá na palavra e como palavra.*
(Jorge Larrosa)

Desde sua origem acadêmica, e recente introdução¹ na literatura especializada brasileira, o termo “letramento”, em suas diversas possibilidades de acepção (SOARES 1998), tem sido tema de muitas pesquisas e estudos que, de forma geral, investigam tanto o impacto social da escrita na sociedade contemporânea, quanto a inserção dos sujeitos neste universo da notável “*cultura do papel*”, como diria Soares (2002).

Com efeito, de um reconhecimento da escrita enquanto “modalidade de linguagem inquestionavelmente social e culturalmente constituída” (ROJO, 1998, p. 122), podemos enfatizar, na noção de letramento, a forte relação entre práticas discursivas de leitura e escrita disseminadas e efetivadas na sociedade contemporânea e o lugar que o sujeito, dito letrado, aí ocupa.

Dentro deste recorte, muitos pesquisadores² têm se empenhado em compreender os efeitos dos processos de imersão³ de crianças pequenas nestas práticas sociais – o que caracteriza a expressão “letramento emergente⁴”. Um dos estudos inaugurais sobre esses efeitos pode ser localizado no trabalho da antropóloga Heath (1982) ao relacionar comparativamente o sucesso ou o fracasso escolar de algumas crianças em comunidades norte-americanas representativas de diferentes classes sociais e níveis de letramento.

O que faz eco, de certo modo, no itinerário das investigações envolvendo a noção de “letramento emergente” é o entendimento de que, para uma efetiva compreensão acerca da relação do sujeito com o universo simbólico mediado pela escrita, resulta imprescindível atentar para o modo como o outro (adulto), através de sua fala, recorta e interpreta o mundo para a criança, significando seus gestos, olhares, vocalizações, enunciados, inscrevendo-a no próprio processo de aquisição de linguagem.

¹ Relativa ao trabalho de Mary Kato (1986).

² A fim de auxiliar aos leitores interessados, citamos algumas referências: Sulzby, Teale, Wells (1991); Perroni (1992); Rojo (1995, 1998); Mayrink-Sabinson (1997); Willians (2004).

³ Entendemos por “processo de imersão” a intensa, significativa e sistemática experiência do sujeito envolvido por este universo simbólico.

⁴ Autores como Sulzby, Teale (1991) e Willians (2004), assim como a maioria dos estudos brasileiros sobre o tema, relacionam essa noção ao momento inicial em que a criança pequena, entre seus meses iniciais de vida até sua alfabetização, interage com as diversas práticas de leitura e escrita valorizadas em sua cultura.

Assim é que, tocados precisamente por esse ponto, nosso estudo pretende descrever as práticas discursivas estabelecidas entre uma criança, dos 12 aos 21 meses de idade, e seus interlocutores, sobretudo seus familiares (pai, mãe e irmã mais velha) – com ênfase àquelas mediadas por materiais impressos que narram histórias ficcionais – e aos “modos de participação” (LEMOS, 1988, p. 11) que assumem, nestes momentos, cada um dos atores envolvidos. Entendemos, não obstante, que o estabelecimento de tais práticas constitui-se como condição para a “captura” (id. 2002) da criança pela língua e pelo universo simbólico da escrita.

2. Sobre as práticas interacionais e a constituição do letramento na criança: alguns posicionamentos

As pesquisas em aquisição de linguagem oral têm evidenciado a existência de uma estreita relação entre o processo de letramento e a constituição do discurso oral, sobretudo o narrativo, tal qual nos indica Rojo (1998).

Segundo a autora, entender o processo de letramento emergente demanda que consideremos a ascendência de dois fatores interdependentes, quais sejam, o grau de letramento da instituição familiar a que pertence a criança – deduzido da maior ou menor presença, em seu cotidiano, de práticas de leitura e de escrita – e os “diferentes modos de participação da criança” (LEMOS, 1988, p. 11) nas práticas discursivas orais em que as atividades que envolvem a escrita ganham sentido.

Estes modos de participação – ouvir, participar, narrar ou “fazer de conta” que lê ou escreve – ainda na oralidade, nas práticas de leitura e escrita permitem à criança construir uma relação com a escrita enquanto prática discursiva e enquanto objeto.

Em análise sobre as marcas do processo de letramento que se deixam entrever nas produções orais ou escritas de crianças, Calil nos aponta que

Em uma sociedade letrada, os eventos de letramento são múltiplos e o sujeito está imerso em diferentes situações de uso significativo da leitura e da escrita [...]. É de fundamental importância que os objetos impressos sejam investidos de significação através de práticas discursivas interacionais e que deles emanem dizeres, discursos, textos, letras..., tendo a voz do outro como elemento viabilizador. Um outro que [...] deve ser tratado teoricamente como um representante do funcionamento linguístico-discursivo atrelado à efetivação de seu dizer, que produz efeitos sobre o sujeito. É este funcionamento, do qual o outro não se coloca fora, que irá capturar o sujeito e inscrevê-lo em um universo letrado [...] (2004, p.335).

Destarte, no que concerne às práticas discursivas orais em torno de objetos impressos, podemos dizer que é por seu intermédio, através da instanciação dessas práticas, que o intenso jogo entre os elementos significantes que as fundam entram em relação, são postos em funcionamento, fazendo com que o livro, enquanto representante do universo semiótico da escrita (imagem, cor, capa, título, história narrada, personagem, palavra, letra...), deixe seu estado de “coisa” para “se transformar em objeto significado antes pelos seus efeitos estruturantes sobre essas mesmas práticas orais do que pelas suas propriedades perceptuais positivas”, como afirma Lemos (1998, p. 18-19). No entanto, a autora adverte:

Não se trata, aí, portanto, de uma oralidade que desvenda o texto escrito nem que é por ele representada, mas, de uma prática discursiva oral que, de algum modo, o significa, isto é, que o torna significativa *para* um sujeito. (id. grifo nosso)

Da perspectiva que assumimos, o que se dá nesse decurso – da constituição sócio-histórica do letramento da criança – é, para além de uma noção de “desenvolvimento” ou de “construção”, pelo sujeito, do objeto – a sua “captura”, via o discurso do Outro, pelo funcionamento simbólico. Para nós, sujeito e objeto (para um sujeito) se inscrevem nesse funcionamento, envolvendo-se, ambos, em conjunto de relações que se compõe, a cada ato/acontecimento de leitura e escrita, na rede de sentidos marcados pela própria história dessas relações.

Para esta discussão, contudo, o que queremos reiterar é justamente o lugar em que toda essa transformação se efetiva: a interação – a linguagem. A esse respeito, Lemos (1982) sustenta, ainda, que, nos momentos iniciais de aquisição de linguagem – e, por extensão, nos processos de letramento emergente⁵ – a criança apresenta uma dependência dialógica bastante grande dos enunciados do outro. Seu enunciado, assim sendo, está na dependência do enunciado do adulto para ter um significado.

Neste sentido, Calil (1994) ressalta que o letramento, enquanto prática discursiva, pode ser associado ao interdiscurso, estando relacionado ao modo com essas práticas se estabeleceram e seus dizeres se estabilizaram. Enunciados ou um conjunto de enunciados são postos em funcionamento em determinadas práticas discursivas que determinam as possibilidades do dizer.

⁵ A autora (1988) propõe a existência de uma continuidade entre os processos de aquisição de linguagem oral e de letramento.

É, portanto, através da linguagem – *pela interação* – tal como “ação sobre o outro” e “ação sobre o mundo” que “a criança constrói a linguagem enquanto *objeto* sobre o qual vai poder operar” (Lemos, op.cit, p.13).

Por fim, e fundamentando o recorte apresentado nesse estudo, é importante salientarmos que, dentre as práticas discursivas orais estabelecidas entre a criança e o adulto/outro, o “jogo de faz-de-conta” – e aí incluía-se o *jogo de contar* histórias, preponderante em nossa pesquisa – surge como elemento essencial, consignando ao sujeito diferentes papéis e possibilidades, dentro do contexto do letramento. Tais práticas, segundo Calil (2004, p. 338-339), seriam ainda as responsáveis pela mobilização de um universo discursivo letrado, constituindo uma “memória discursiva”, a qual será matéria-prima para um dos fenômenos que a literatura sobre *letramento emergente* tem chamado de “fala letrada”, ou seja, um modo de falar que apresenta marcas do universo escrito.

Enfim, é, pois, através dessas atividades que “a criança vai reconhecer *o ato de ler como um outro modo de falar* e que o objeto portador de texto se torna mediador de um outro tipo de relação com o mundo e com o Outro” (LEMOS, 1988, p. 11).

3. Nosso *corpus*: a coleta e seus sujeitos

O *corpus*⁶ sobre o qual projetamos nossa pesquisa faz parte de um estudo naturalístico e longitudinal⁷ (0 a 7 anos) que está sendo formado a partir de filmagens da criança E⁸. realizadas com uma frequência quase diária, pelos próprios pais, em

⁶ Nosso *corpus* está vinculado ao Grupo de Pesquisa Núcleo de Aquisição de Linguagem (NALingua) e faz parte de um estudo mais amplo que pretende, a partir de uma perspectiva teórica fundada sobre o caráter singular e heterogêneo dos processos de aquisição de linguagem oral, investigar o modo como se estabelece o processo dessa criança.

⁷ Esse procedimento metodológico, diferentemente das “clássicas” investigações efetivadas por estudiosos que contavam com outros recursos tecnológicos, como aqueles trabalhos do início do século passado (anotações em diários de campo) ou ainda aqueles mais recentes da década de 60 e 70 do mesmo século, em que predominava o “registro em áudio” (conferir os artigos de Behren (2008) e Morgenstern; Parisse (2007) para uma introdução ao percurso histórico destes estudos), segue a tendência corrente de muitos estudos atuais em aquisição de linguagem que valorizam as formas de coleta de cunho etnográfico, preservando as características antropológicas, sociais, culturais da ambiência que entorna e funda a condição subjetiva da criança. Os sítios CHILDES (<http://childes.psy.cmu.edu/>) e COLAJE (<http://www.modyco.fr/corpus/colaje/anae/>) apresentam um importante banco de dados com esse tipo de coleta.

⁸ O avanço tecnológico, o baixo custo e a facilidade com que se filma uma cena (nascimento de uma criança), um acontecimento imprevisível (acidente de trânsito...), uma data comemorativa (festa de aniversário, dia de Natal...), uma viagem... fazem parte, de modo geral, da cultura familiar da sociedade contemporânea. No caso da criança E. o fato de seus pais serem linguistas e trabalharem com aquisição de linguagem, dá uma dimensão particular para esses registros que acontecem, desde su

ambiência familiar. Destes registros constam basicamente situações cotidianas de interação dialógica da criança com os familiares e pessoas próximas de seu convívio.

E, sujeito da pesquisa, é um menino, pertencente à classe média alta, cujos pais são pesquisadores. Durante o período descrito, E, além dos pais, interagiu com sua irmã, L, de 11 anos, quando ele nasceu, e a M, senhora que trabalha para a família há vários anos e ajuda nos cuidados com E. desde seu nascimento. A senhora M. tinha 53 anos, nunca foi à escola, não é alfabetizada.

Como recurso para armazenagem dos dados, foi utilizada uma *handcam* (digital) SONY, modelo DCR-DVD 508, com suporte para miniDVD R/RW. Os miniDVDs usados tinham capacidade para comportar até 55 minutos de gravação, no nível médio de qualidade de registro (modo SP), escolhido pelo pesquisador. O tempo de cada filmagem variava em função da interação estabelecida entre os participantes e/ou do limite da capacidade de armazenagem da mídia. Geralmente, a câmera estava fixada sobre um tripé, ligada ininterruptamente durante a realização da cena interacional, com o foco aberto. Em situações em que os participantes centrais saíam do enquadramento, o pai, a mãe, ou a irmã de E assumiam o controle da filmadora, sendo o pai aquele que por maior número de vezes tomou a iniciativa de fazê-lo.

A tabela de catalogação desse *corpus* está organizada em ordem cronológica de ocorrência dos registros e cada miniDVD recebeu um número sequencial. Como em um miniDVD há o registro de vários momentos diferentes, por vários dias, sendo trocado por outro somente quando estava todo gravado, há várias filmagens, que aconteceram em um certo espaço de tempo. Denominamos essas filmagens por “capítulo”, indicados na tabela que apresentaremos a seguir por “C”. Para facilitar a localização das filmagens, portanto, estabelecemos um código para cada uma delas, como por exemplo, “0018_1_30-12-2007”: o primeiro número corresponde ao miniDVD, o segundo ao número do “capítulo” (isto é, da filmagem registrada nesse miniDVD), o terceiro é a data em que foi feito o registro.

Os dados selecionados e aqui descritos correspondem ao período de 03 de novembro de 2007 (00:10:17) a 29 de setembro de 2008 (01:09:12⁹). A este recorte

nascimento (16 de dezembro de 2006), apesar das filmagens mais sistemáticas e cotidianas terem começado a acontecer no mês de agosto de 2007, quando ele estava com 08 meses de idade. Cabe ainda dizer que o *corpus* que está sendo constituído pertencem ao grupo de pesquisa NALíngua, registrado junto ao CNPq desde 2008.

⁹ Esta é a forma convencionalizada pela literatura específica da área para indicação de idade da criança, ou seja, 1 ano, 09 meses e 12 dias.

correspondem 76 miniDVDs (do nº 0008 ao nº 0084), somando 51 horas, 30 minutos e 27 segundos de filmagens registradas, que foram realizadas com frequência média de 4 vezes por semana, em situações em que almoçava, ia dormir, passeava de carro, tomava banho, brincava na sala, etc.

Dentre os momentos registrados durante esse período, os mais frequentes são aqueles em que a criança fazia suas refeições (almoço e jantar), quase sempre na “mesa-balcão” que separava a cozinha da sala de jantar, no seu cadeirão de comer, tendo a mãe como principal acompanhante. Também constam, em número bastante significativo, os momentos em que a criança e a mãe se preparavam para dormir, em geral, na cama dos pais. Outras situações pontuais são aquelas em que a criança interagia com o pai e com a irmã, em contextos de brincadeiras diversas.

Neste estudo, contudo, nossa análise incidirá precisamente sobre os momentos de interação da criança com a mãe e/ou o pai, bem como com a irmã, em práticas discursivas orais nas quais há a presença de materiais impressos que narram histórias ficcionais, com ênfase aos modos de participação dos sujeitos envolvidos na cena filmada. A partir deste recorte, são realçadas, no que tange ao número de ocorrências, aquelas situações em que a mãe ou o pai contam história na cama para a criança, antes da hora de dormir.

4. Entre seus 21 meses, os materiais impressos que narram

O processo de aquisição de linguagem oral de E não se separa das práticas de leitura e escrita¹⁰, constituindo mesmo o chamado “processo de letramento emergente”. Desde os seus meses iniciais, mas principalmente a partir do 12º mês, muitas dessas práticas de leitura são mediadas por materiais impressos, sobretudo, livrinhos para bebês, livros com pequenas histórias infantis e gibis da Turma da Mônica.

Levantamento de materiais impressos que narram

¹⁰ Estamos entendendo essas práticas de modo amplo, quando os pais, a irmã ou amigos da família liam, escreviam ou discutiam textos na presença da criança, porém, há práticas de leitura e escrita mais diretamente relacionada à participação da criança. Por exemplo, aquelas situações em que há a leitura dirigida à criança de algum objeto portador de texto, momentos em que o pai, a mãe ou a irmã recortam, apontando e identificando, algum elemento escrito para a criança em rótulos de produtos, em ímãs de geladeira ou em algum outro objeto portador de texto pertinente à situação de interação; essas práticas preponderam sobre as de escrita, aquelas em que há o uso de lápis de cor, canetas hidrocor ou letras móveis, em que a criança rabisca papéis, cadernos, superfície ao seu alcance como móveis, paredes ou seu próprio cadeirão de comer.

DVD/idade/hora	Cena	Material impresso
1. 0018_1_30-12-2007 (01:00:14; 06:30:16 pm)	Final da tarde, no quarto da avó. E brinca com L e explora os livrinhos que ganhou de presente de Natal.	1. O Coelho , Coleção Bichinhos Fofinhos. Editora TodoLivro, 2007.
2. 0030_2_02-03-2008 (01.02.15; 04:51:15 pm)	Passeando de carro. E, pai, mãe, L e M (amiga de L) no carro da família. L lê a história do Rei Leão para E.	Rei leão.
3. 0051_4_03-07-2008 (01.06.17; 10:31:29 pm)	Hora de dormir. E e pai na cama dos pais. O pai “conta” a história “O patinho Feio”.	O Patinho Feio . In: “O Patinho Feio e A Sereiazinha”
4. 0052_3_04-07-2008 (01.06.18; 10:13:24 pm)	Hora de dormir. E e pai na cama dos pais. O pai “conta” a história “O Patinho Feio”.	O Patinho Feio . In: “O Patinho Feio e A Sereiazinha”
5. 0053_3_06-07-2008 (01.06.20; 08:52:42 am)	Hora do café da manhã. Mãe e E na mesa-balcão (cozinha) com um gibi da Turma da Monica, mostrando a tirinha da última página.	Gibi da Turma da Mônica.
6. 0053_3_06-07-2008 (01.06.20; 08:52:42 am)	Hora do café da manhã. Mãe e E na mesa-balcão (cozinha) com um gibi da Turma da Monica, mostrando a tirinha da última página.	Gibi da Turma da Mônica.
7. 0054_4_07-07-2008 (01.06.21; 09:46:12 pm)	Hora de dormir. E e pai na cama dos pais. E com o livro “O patinho Feio e A Sereiazinha” no colo. Folheia-o, aponta imagens, faz vocalizações.	O Patinho Feio . In: “O Patinho Feio e A Sereiazinha”
8. 0055_4_09-07-2008 (01.06.23; 09:39:27 pm)	Hora de dormir. E e pai na cama dos pais. E com o livro “O patinho Feio e A Sereiazinha”.	O Patinho Feio . In: “O Patinho Feio e A Sereiazinha”
9. 0056_4_10-07-2008 (01.06.24; 09:30:14 pm)	Hora de dormir. E e pai na cama dos pais. Pai conta “O patinho Feio”.	O Patinho Feio . In: “O Patinho Feio e A Sereiazinha”
10. 0065_1_30-07-2008 (01.07.14; 10:08:04 pm)	Hora de dormir. E e mãe na cama dos pais. E com o livro “O patinho Feio e A Sereiazinha”, depois a mãe começa a contar a história.	O Patinho Feio . In: “O Patinho Feio e A Sereiazinha”
11. 0065_2_30-07-2008 (01.07.14; 10:15:42 pm)	Hora de dormir (continuação). E, mãe na cama dos pais. Mãe está com o livro “Fábulas”.	Os Três Porquinhos . In: Fábulas. BrasilLeitura, 2007
12. 0053_3_06-07-2008 (01.06.20; 08:52:42 am)	Hora do café da manhã. Mãe e E na mesa-balcão (cozinha) com um gibi da Turma da Monica, mostrando a tirinha da última página.	Gibi da Turma da Mônica.
13. 0054_4_07-07-2008	Hora de dormir.	O Patinho Feio . In: “O Patinho Feio

(01.06.21; 09:46:12 pm)	E e pai na cama dos pais. E com o livro “O patinho Feio e A Sereiazinha” no colo. Folheia-o, aponta imagens, faz vocalizações.	e A Sereiazinha”
14. 0055_4_09-07-2008 (01.06.23; 09:39:27 pm)	Hora de dormir. E e pai na cama dos pais. E com o livro “O patinho Feio e A Sereiazinha”.	O Patinho Feio. In: “O Patinho Feio e A Sereiazinha”
15. 0056_4_10.07.2008 (01.06.24; 09:30:14 pm)	Hora de dormir. E e pai na cama dos pais. Pai conta “O patinho Feio”.	O Patinho Feio. In: “O Patinho Feio e A Sereiazinha”
16. 0053_3_06-07-2008 (01.06.20; 08:52:42 am)	Hora do café da manhã. Mãe e E na mesa-balcão (cozinha) com um gibi da Turma da Monica, mostrando a tirinha da última página.	Gibi da Turma da Mônica.
17. 0054_4_07-07-2008 (01.06.21; 09:46:12 pm)	Hora de dormir. E e pai na cama dos pais. E com o livro “O patinho Feio e A Sereiazinha” no colo. Folheia-o, aponta imagens, faz vocalizações.	O Patinho Feio. In: “O Patinho Feio e A Sereiazinha”
18. 0055_4_09-07-2008 (01.06.23; 09:39:27 pm)	Hora de dormir. E e pai na cama dos pais. E com o livro “O patinho Feio e A Sereiazinha”.	O Patinho Feio. In: “O Patinho Feio e A Sereiazinha”

A observação dos dados do período considerado aponta, nas práticas discursivas orais mediadas por materiais impressos, a proeminência de livros de histórias infantis sobre outros materiais. São identificadas, portanto, 15 ocasiões em que o pai ou a mãe contam história na cama para a criança antes da hora de dormir, alternando a leitura das histórias que compõem o material impresso presente na interação. Destas histórias, como exposto acima, aquela que sobressai durante os eventos em que o pai ou a mãe contam/lêem história na cama para E é o clássico conto infantil “O Patinho Feio”, sendo esta, de acordo com os registros de vídeo, a primeira narrativa apresentada à criança, pelo pai, naqueles eventos.

Verifica-se, igualmente, no período observado a reincidência desta mesma leitura (*O Patinho Feio*) por 07 ocasiões subsequentes. Neste contexto, estudiosos do letramento emergente, Sulzby e Teale (1987), a partir dos resultados de suas pesquisas sobre a leitura de livros de histórias por crianças pequenas em interação com seus pais, realizadas nas cidades norte-americanas de Chicago e San Antonio, notabilizaram que a prática da leitura para as crianças pequenas pelos pais era altamente benéfica para o desenvolvimento de seu letramento. E das observações resultantes da pesquisa, os autores evidenciaram, dentre outros aspectos, que “a leitura de livros de histórias é uma

atividade socialmente construída¹¹”, bem como “a interação na leitura do livro de histórias é internalizada à medida que a criança lê o mesmo livro repetidas vezes¹²”.

De acordo com a tabela, ainda, consta apenas um momento de interação mediada por gibi. Estes momentos, contudo, serão intensificados a partir do segundo ano de vida de E.

5. Conclusão

O processo de letramento emergente aqui evidenciado nos permite estabelecer algumas considerações.

Neste período – entre os 21 meses da criança E – os textos narrativos, sobretudo os clássicos da literatura infantil, são aqueles que mais frequentemente aparecem nas interações mediadas por materiais impressos, as quais se intensificam a partir dos 18 meses de idade, quando se iniciam as práticas de contar história para a criança antes de dormir, sendo a mãe sua principal interlocutora. Embora aquelas interações aconteçam também em outros momentos, como nos passeios de carro ou durante o café da manhã, tal qual exposto na tabela anterior, os momentos de “história antes de dormir” são em número mais significativo.

Do que observamos no conjunto dos dados, podemos trazer à evidência a forte relação entre a efetivação intensa e contínua destas práticas discursivas orais, mediadas por materiais impressos, e a constituição na criança do objeto escrito e seu universo simbólico. É justamente a repetição de tais práticas, com tudo o que viabilizam, com todo o jogo de elementos significantes que as fundam sendo postos em relação, o que vai propiciar a transformação destes materiais impressos em objetos com significado para a criança, vai permiti-la conceber o texto enquanto mediador de uma relação diferente com o outro e com o mundo.

Nesse quadro, ainda, como aporte para uma futura discussão, pretendemos analisar as diferenças entre o modo como cada interlocutor (pai, mãe, irmã) se coloca nestas interações com E., assim como as formas de vocalizações, os gestos e os olhares por ele efetuados, os quais se acentuam nestes momentos e podem configurar-se em

¹¹ “Storybook reading is a socially constructed activity” (op. cit. p. 82).

¹² “Storybook reading interaction becomes internalized as children read the same book repeatedly (ibidem.)”.

indícios do modo como a criança está adentrando o universo letrado à sua volta, de como ela está sendo imersa na cultura própria de seu grupo.

Referências

BEHREN, Heike. “**Corpora in language acquisition research: history, methods, perspectives**”. In: Heike BEHREN (ed.), *Corpora in language acquisition research: history, methods, perspectives*. Amsterdam: John Benjamins, 2008, pp. XI – XXX.

MORGENSTERN, Aliyah ; PARISSÉ, Christophe. « **Codage et interprétation du langage spontané d’enfants de 1 à 3 ans** ». *Corpus*, número 6, Interprétation, contextes, codage - décembre 2007, pp 55 – 78.

CALIL, Eduardo. “**Marcas de letramento: efeitos equívocos de um funcionamento**”. in: GERALDI, Corinta M. G.; RIOLFI, Cláudia R. & GARCIA, Maria de Fátima (orgs.). *Escola Viva: elementos para a construção de uma educação de qualidade social*. Campinas: Mercado de Letras, 2004, pp. 333-353.

_____. O discurso e o sócio-histórico na noção de letramento. *Temas Psicologia*, 1994, pp. 89-96.

HEATH, S. B. **What no bedtime story means: narrative skills at home and school**. *Language in Society*, 11(2), 1982.

LEMOS, C. T. G. “**Prefácio**”, in: KATO, Mary (org.). *A concepção da escrita pela criança*. Campinas: Pontes, 1988.

_____. **Sobre a aquisição da escrita: algumas questões**. in: ROJO, Roxane (org.). *Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, pp. 13-31.

_____. **Sobre a aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original**. *Iberoamericana*, 1, 1982, pp. 3-16.

LEMOS, M. T. G. de. **A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição de linguagem**. Campinas: Mercado de Letras; Fapesp: São Paulo, 2002.

MAYRINK-SABINSON, M. L. T. **Reflexões sobre o processo de aquisição da escrita**. in: ROJO, Roxane (org.). *Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, pp. 87-120.

REGO, L. L. B. “**Descobrimos a língua escrita antes de aprender a ler: algumas implicações pedagógicas**”. in: KATO, Mary (org.). *A concepção da escrita pela criança*. Campinas: Pontes, 1988, pp. 105-134.

ROJO, Roxane H. R. “**O letramento na ontogênese: uma perspectiva sócio-construtivista**”. in: ROJO, Roxane (org.). *Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, pp. 121-171.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SULZBY, E. & TEALE, W. **Emergent literacy**. In BARR, R.; KAMIL, M. L.; MOSENTHAL, P.B. & PEARSON, P.D. (Eds.) *Handbook of reading research: Vol. 2*. New York: Longman, 1991, pp. 727-757.

_____ **Young children's storybook reading: longitudinal study of parent-child interaction and children's independent functioning**. Final Report to Spencer Foundation. University of Michigan, 1987.

WELLS, G. **"Influences of the Home on Language Development"** in: WELLS, G. (org.), *Language, Learning and Education*, Centre for the Study of Language and Communication, University of Bristol, 1982.